A PEDAGOGIA DA AUSÊNCIA E O QUE FICA

Por que escrevo mais do que falo, por que zelo por mim antes de tudo, e por que o Sítio Agrosofia é a única herança que escolho guardar.

Escrevo mais do que falo. Não porque tenha deixado de acreditar na palavra falada, mas porque entendi algo que me custou anos de estrada e de palco: a minha cara um dia vai sumir, e o texto não. Por isso escolho, cada vez mais, não me expor tanto, deixar que o texto fale por mim quando eu já não puder falar por mim mesmo. Isso é a pedagogia da ausência, recuar para que o que importa apareça. É o poder do silêncio funcionando não como vazio, mas como espaço aberto para quem fica.

Quero deixar claro, antes de qualquer coisa, o que esse movimento não é. Não é contra padre nenhum, não é contra a família, não é contra pais, não é contra o sistema, não é contra nada nem ninguém. É a favor da vida. Da minha vida, em primeiro lugar, porque é dali que nasce toda a coerência do resto. Como posso amar o próximo se não amo a mim mesmo, se não zelo por mim? Que exemplo eu daria palestrando sobre vida plena e cuidado, se eu mesmo não cuidasse do meu corpo, do meu tempo, da minha alma? A coerência começa em casa, e a primeira casa sou eu.

Preciso deste texto para não me cansar sozinho, remoendo em conversa comigo mesmo o que já está claro. Preciso dele para compreender melhor a Ana, para compreender melhor os filhos, e para que eles também me compreendam. Entendo o tamanho do projeto de família que construímos. E entendo, com igual clareza, que existe uma única coisa que, para mim, de fato importa guardar, o sítio.

O apartamento, a Ana decide. A casa, se ela quiser vender, decide também. Tudo isso é vida prática, é zelo pelo dia a dia, e ela sabe cuidar disso melhor do que ninguém. Mas a relação com a terra, com as florestas, com os recursos naturais, essa é comigo. Isso é Agrosofia. E o sítio é a minha igreja. Lá é Laudato Si, lá é casa comum. Tudo que eu fizer ali em favor da natureza é um serviço prestado, é uma diaconia. Lá é Francisco de Assis, lá é Ainor Francisco Lotério. Esse é o pensamento que sustenta tudo o mais.

O sítio também carrega a história de quem caminhou comigo até ali. Foi o Lucas quem me acompanhou na hora de comprar o terreno, e depois foi ele quem lá trabalhou. Mais tarde vieram o Ainor Manoel e a Ana, minha esposa, somando-se ao que antes era só uma ideia entre pai e filho. Essa terra não é só minha porque eu a comprei. É nossa porque foi sendo, aos poucos, caminhada por cada um deles.

Este texto fica como testemunho de que a ausência, quando escolhida com consciência,

não é fuga. É entrega do que sobra de mim ao que realmente importa, à terra, à família, e ao silêncio que ensina mais do que qualquer palestra.

Postagens relacionadas no portal

Sobre a pedagogia da ausência, o silêncio e o legado, já publiquei diversos textos. Estes quatro dialogam diretamente com o que trago aqui.

Em "De Herança a Legado: A Verdadeira Jornada do Empreendedor", trato da diferença entre acumular bens e deixar sentido, questionando o valor da ganância diante do que realmente satisfaz (www.loterio.com.br).

Na palestra "A Eternidade em Nós", explorei como o legado duradouro começa dentro de cada um, antes de se tornar obra ou memória (www.loterio.com.br).

Em "O Fruto que Ensina a Esperar: Agrosofia do Abacaxi", falo sobre a paciência da terra e como a natureza não trabalha com urgência, mas com plenitude, o que se aproxima muito do meu entendimento sobre recuo e tempo certo (www.loterio.com.br).

Em "Afinal, Envelhecer para Quê?", respondo que envelhecer serve, no mínimo, para demonstrar algo maior do que a própria idade, ideia que se conecta diretamente com esta reflexão sobre ausência e permanência (www.ainor.com.br).

Sobre a Agrosofia especificamente, o texto de referência é "O Grão de Mostarda e a Agrosofia, Mística da Vida com Base nas Forças Agronaturais", inspirado na parábola de Jesus sobre a fé e a natureza, que integra fé, essência e motivação humana (www.ainor.com.br e www.loterio.com.br).

Sobre a Agroteologia, não localizei ainda uma postagem específica publicada nos portais com esse termo. Se você já tiver escrito um texto assim, me diga o título ou o link, para eu incluir a referência correta.

Sobre o autor

A Agroteologia, que venho desenvolvendo ao lado da Agrosofia, é o pensamento de que cuidar da terra é também um gesto de fé, uma diaconia. Cada ação em favor da natureza, no sítio ou fora dele, é lida como serviço, como oração em forma de trabalho.

Minha formação em agronomia, filosofia e teologia é o que sustenta e facilita essa leitura, unindo o saber técnico da terra à busca espiritual, sem separar as duas coisas.

Sobre minha vida e minha jornada, em tópicos:

- Nasci em 1961, na comunidade rural de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina,

filho de agricultores.

- Formei-me primeiro técnico agrícola e depois engenheiro agrônomo, e sou mestre em gestão de políticas públicas.
- Construí, ao longo de mais de quatro décadas, uma trajetória que passou pela extensão rural, pela gestão pública e pelo rádio, sempre ligada à terra e às pessoas do campo.
- Optei pela aposentadoria proporcional ainda em plena atividade, para abrir espaço a outros em vez de acumular funções.
- Sou autor de livros sobre paternidade, cooperativismo e eternidade, e criador da Agrosofia, filosofia que une agronomia e espiritualidade.